

ESCOLA GETÚLIO VARGAS: USO DE FONTES DOCUMENTAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Silvana Batista Sousa¹; Sabrina Maria da Silva Novaes²; Betânia Pereira Trindade³; Carlos André Ribeiro da Silva⁴; Joseni Pereira Meira Reis⁵

¹ Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil. Gmail: silhisto@gmail.com

² Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil. Gmail: sabrinasilvanovaes2000@gmail.com

³ Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil. Gmail: betilegal@gmail.com

⁴ Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil. Gmail: gxpccarlos6@gmail.com

⁵ Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil. Gmail: jpreis@uneb.br

Introdução

A discussão apresentada é resultado de uma oficina ministrada por estudantes e professora do curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XII*, localizado na cidade de Guanambi-BA. Durante o evento do "I Seminário Internacional de Educação, VII Seminário de Educação e IX Seminário da Consciência Negra". A atividade proposta cujo título foi "Viagem no tempo através das fontes documentais da Escola Getúlio Vargas" teve o intuito de refletir sobre o uso de fontes históricas no espaço escolar, bem como identificar os usos e funções de determinados objetos que fazem parte da cultura escolar, como, por exemplo, o mimeógrafo, a sineta, e outros que foram utilizados em determinado época na história da instituição.

A oficina foi realizada na Escola Municipal Getúlio Vargas¹. O público-alvo foi uma turma do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, o objetivo deste trabalho é discutir as contribuições da oficina acerca da história da referida escola para a compreensão das fontes documentais e o reconhecimento das crianças como sujeitos históricos no processo de construção do conhecimento histórico.

Metodologia

Foi utilizada a abordagem qualitativa pautada pela escuta sensível das crianças, nos interessava saber as informações que elas tinham sobre a história da escola, se conheciam alguns dos objetos expostos na sala. Nessa perspectiva, organizar um espaço de escuta para dialogar sobre o saber histórico é fundamental, visto que conforme Freire (1996) o ato de escutar é estar disponível para o gesto do outro. Vale mencionar que, o processo de analisar as fontes documentais possibilita ao sujeito a compreensão de ser ativo e construtor do seu processo de ensino e aprendizagem.

¹ A instituição foi inaugurada em 10 de novembro de 1938 pelo intendente José Ferreira Costa, sendo a primeira Escola Estadual de Guanambi-BA. E foi municipalizada por meio do convênio 270/2006, firmado entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Guanambi em 17/04/2009. Atualmente, foi transferida para um novo prédio, mantendo a identidade institucional, conforme Novaes e Lima (2025).

A oficina aconteceu em setembro de 2025, com duração de 4 horas, no turno matutino, numa turma do 5º ano com 26 alunos. Para a realização da atividade dividimos a turma em dois grupos, de modo que uma parte dos alunos ficou na sala com a professora responsável e a outra parte foi para o laboratório de informática da escola, único espaço amplo e disponível para realizarmos a atividade proposta.

O espaço foi previamente organizado de modo a criar um ambiente acolhedor e que despertasse a atenção e a curiosidade, a fim de favorecer a participação ativa dos estudantes. A organização estética do ambiente incluiu a disposição com materiais visuais relacionados à temática histórica (fotos da fachada da escola em décadas passadas, diferentes modelos de uniformes adotados pela instituição no decorrer da sua história, uniformes utilizados pela fanfarra, diários de classe das décadas de 1970 e 1980, uma sineta, uma maquete da escola, lampião, mimeógrafo, ampulheta, cadernos, cartilhas escolares, entre outros), cuja pretensão foi organizar o local para que os alunos se sentissem envolvidos.

Assim, a análise dos dados deste estudo foi orientada pelos pressupostos da pesquisa de Minayo (2001), estruturada em três etapas. Na primeira etapa, referente à organização dos dados, foi realizado o levantamento e a sistematização dos materiais produzidos durante a oficina, com destaque para os registros fotográficos, as avaliações realizadas pelos alunos e às anotações oriundas da observação das interações.

A segunda etapa consistiu na categorização dos dados, momento em que os registros foram agrupados a partir de critérios de semelhança e recorrência. Foram construídas categorias analíticas que possibilitaram interpretar as experiências vivenciadas, tais como, participação dos alunos, interação entre pares, construção do conhecimento histórico e formas de expressão das aprendizagens. Por fim, a terceira etapa correspondeu à análise e interpretação dos dados, na qual buscamos compreender os significados presentes nas produções e nas interações dos alunos, ao considerar o contexto em que a oficina foi realizada.

Resultados e Discussões

A partir da perspectiva de Krupiniski (2024), é recorrente que as pessoas, por meio do senso comum, não entendam a História como uma ciência, visto que há uma predominância no imaginário popular de que o cientista é um sujeito que vive trancado em laboratórios realizando procedimentos com microscópios e tubos de ensaios, além de outros instrumentos relacionados a ciências naturais. Em consideração a isso, Bloch (2001) argumenta que a história é uma ciência que tem o objetivo de analisar a passagem dos homens no tempo.

(...) O objeto da História é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Ciência dos homens, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: dos homens, no tempo. [...] o tempo da História é o próprio plasma em que se engasgam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade (Bloch, 2001, p. 52-55).

Diante disso, Krupiniski (2024) menciona que o historiador trabalha com conceitos, no entanto, não é algo idealizado, pois esses conceitos são manifestados a partir dos sujeitos

históricos e da realidade social que os perpassa. Dessa forma, a disciplina História que é ofertada nas escolas é vista como importante na formação crítica dos estudantes, no entanto devem ser tomados alguns cuidados, sobretudo quando ela é ensinada para crianças. Nesse sentido, é preciso adequar a linguagem utilizada para a faixa etária e não confundir com a História produzida e ensinada nas universidades.

Outro ponto mencionado pelo autor é a necessidade de entender que a História escolar também passa por mudanças, pois depende dos interesses dos historiadores, da descoberta de novas fontes, dos interesses das gerações e também nos avanços nos métodos de pesquisa. Além disso, a História ensinada nas escolas não depende apenas dos interesses dos historiadores, mas também das ações estatais e da comunidade escolar.

A partir desses pontos, ao propor a oficina, percebemos o olhar que às crianças tiveram sobre o papel do historiador na sociedade, além do uso das fontes documentais enquanto ferramenta na escrita da trajetória de sujeitos e instituições de ensino. Inicialmente, apresentamos às crianças a história do livro infantil “O detetive Cadê?!”, do escritor local Avandelson Ferreira da Silva. No final da contação, deixamos uma caixa para que eles pudessem questionar sobre o que havia em seu interior. Isso mediou a discussão associada com o papel do historiador e a escrita da história de uma instituição de ensino.

Nesse contexto, às crianças estabeleceram relações entre a obra e a discussão acerca do papel do historiador, compreendendo-o a partir da perspectiva de um cientista cuja atuação está fundamentada na observação, na pesquisa e na investigação. Destacaram, ainda, que, assim como o detetive da narrativa, o historiador busca pistas, analisa vestígios e formula hipóteses para compreender acontecimentos do passado, evidenciando que a construção do conhecimento histórico envolve curiosidade, questionamento e rigor investigativo.

Sob esse olhar, como afirma Bloch (2001, p. 79), “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. Nesse sentido, essa compreensão revela a amplitude das fontes que podem ser utilizadas pelo historiador, uma vez que os diferentes registros do cotidiano carregam sentidos e memórias, que possibilitam múltiplas formas de narrar e interpretar o passado.

Diante disso, questionamos quais elementos poderiam ser utilizados para escrever a história dos sujeitos e dos lugares. Os alunos mencionaram diferentes fontes, especialmente documentos pessoais, como certidão de nascimento e cartão de vacina. Isso evidenciou que, compreendem a História como algo presente em seu cotidiano, reconhecendo-a como parte de suas próprias trajetórias e não como um conhecimento distante ou restrito a tempos longínquos e personagens consagrados.

Nesse panorama, Pires (2020) destaca a necessidade de renovar o ensino de História, tradicionalmente marcado pela memorização de datas e nomes, pela valorização de grandes fatos e por uma abordagem eurocêntrica, muitas vezes distante da realidade dos estudantes. Essa visão ainda persiste, o que exige mudanças nas práticas pedagógicas. Embora a escola tenha como objetivo a aprendizagem, é fundamental considerar os diferentes fatores que atravessam a vida dos alunos. Nesse sentido, o professor deve partir da realidade dos estudantes, favorecendo o reconhecimento de si como sujeitos históricos.

Uma estratégia possível consiste em utilizar os documentos pessoais, mencionados pelos próprios alunos durante a oficina. Assim, arquivos pessoais revelam modos de vida e permitem compreender a sociedade de forma mais ampla, articulando o local e o global, além de possibilitarem análises mais diversificadas (Pires, 2020 *apud* Araújo; Oliveira, 2017).

Posteriormente, junto às crianças, buscamos compreender os diferentes tipos e classificações de fontes históricas, listando-as em um quadro que havia disponível no local. Nesse contexto, elas puderam manusear, utilizando luvas e lupas, objetos que narram a trajetória da instituição. Logo após, analisaram e problematizaram fotografias da escola em vários períodos, de modo que puderam exercitar o olhar investigativo sobre as mudanças e permanências observadas, as quais socializaram oralmente suas percepções e hipóteses. Isso possibilitou a construção de argumentos e interpretações coletivas sobre a história da instituição.

Essa compreensão dialoga com as reflexões de Burke (2004), que, a partir da Nova História Cultural, destaca a valorização do cotidiano, das experiências comuns e da ampliação do conceito de fonte histórica. Nessa perspectiva, a História aproxima-se da vida das pessoas, reconhecendo que múltiplos vestígios constituem caminhos legítimos para a construção do conhecimento histórico.

Durante as discussões, também foi mencionada a importância da pesquisa para a produção do conhecimento histórico. As crianças citaram diferentes possibilidades de investigação, como a realização de pesquisas no computador, no celular e no tablet, além da consulta a livros da escola e da realização de entrevistas com pessoas que participaram do ato de inauguração da instituição ou que fizeram parte de sua trajetória.

Nesse sentido, observa-se que os alunos reconhecem diferentes caminhos para a investigação histórica, que incluem o uso de recursos tecnológicos como ferramentas de pesquisa. Essa compreensão dialoga com as transformações apontadas por Nunes; Matos e Cabral (2005, p. 1), segundo as quais discutem que:

Os desafios postos pela sociedade digital têm conduzido os pesquisadores da área de História da Educação no Brasil a determinarem mudanças, com o objetivo de se apropriarem e de se beneficiarem de recursos disponibilizados pelas tecnologias de informação e comunicação.

Desse modo, as falas das crianças revelam que as tecnologias digitais já fazem parte do seu cotidiano, sendo reconhecidas como instrumentos importantes para a pesquisa e para o acesso às informações, ao aproximá-las dos processos de construção do conhecimento histórico. Ao final, solicitamos que as crianças avaliassem a oficina com frases curtas e desenhos, sob a justificativa de que isso tornaria um documento que posteriormente poderia ser utilizado para análise e discussão.

Assim, dividimos os registros das crianças em três blocos de análise: no primeiro obtivemos desenhos misturados com registros escritos sobre as percepções da oficina, do contato com os artefatos escolares disponibilizados, principalmente os diários escolares, a sineta e o uniforme, que “trazem as marcas da modelação das práticas escolares” (Vidal, 2005, p. 7). No segundo bloco, agrupamos os registros dos desenhos sobre a fachada da frente da antiga unidade escolar. Dessa maneira, em sua maioria obtivemos desenhos pintados com as cores amarelo e

azul. No terceiro bloco, foram as notas e percepções que elas nos atribuíram sobre a proposta. Com isso, tivemos relatos de notas 9,8 a 10.

Além disso, os registros produzidos pelas crianças, por meio de desenhos e comentários durante a atividade, revelam formas próprias de interpretação e representação da história da escola. Nesse sentido, é possível dialogar com as reflexões de Malaguzzi (1999), que destaca a importância de reconhecer as múltiplas linguagens da criança como formas legítimas de expressão e construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, as produções realizadas pelas crianças durante a oficina podem ser compreendidas como manifestações da forma como elas percebem e interpretam a história da escola. Tal percepção também dialoga com o que defende Fochi (2019), que destaca a importância da documentação pedagógica como estratégia para tornar visíveis os processos de aprendizagem e as múltiplas vozes e percepções das crianças.

Em geral, as percepções e experiências dos alunos nos informam que o contato com as fontes documentais possibilita conhecer parte da cultura material escolar, a qual “está entranhada na própria forma escolar de educação. A educação, por sua vez, pode ser percebida como uma construção social e os materiais se apresentam como vestígios dessa construção e da finalidade cultural da escola” (Alvares, 2019, p. 11). Assim, para que uma fonte adquira um caráter histórico, depende da intenção e do uso que fazemos dela (Alvares, 2019).

Considerações Finais

As atividades desenvolvidas durante a oficina contribuem para a percepção de como as crianças elaboram interpretações significativas acerca do papel das fontes históricas e da construção do conhecimento histórico. Quando elas relacionam o personagem da história “Detetive Cadê!” com o trabalho do historiador, os alunos compreendem que a História se constitui como um campo investigativo, que envolve a análise de evidências, a formulação de hipóteses e a interpretação de vestígios deixados pelos homens a partir da sua passagem ao longo do tempo.

Diante disso, as crianças passam a compreender a História enquanto ciência, fundamentada na observação, na pesquisa e na investigação. À medida que as crianças estabelecem a relação com o detetive da obra, reconhecem que o historiador busca pistas, analisa diferentes fontes e constrói explicações para os acontecimentos. Portanto, a realização da oficina possibilita que as crianças reconheçam as fontes históricas como parte de seu cotidiano. Também, ampliam a compreensão de que a História não se limita a grandes acontecimentos ou personagens distantes.

Nesse sentido, quando os alunos interagem com documentos e objetos da instituição em que estudam, eles atribuem sentidos às suas vivências e se percebem como participantes ativos na construção da história, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização de suas trajetórias.

Referências Bibliográficas

- ALVARES, Wilma Fontana de Souza. Ensaio sobre a cultura material escolar e o uso dos objetos como documentos e fonte histórica. **30º Simpósio de História**. Anais eletrônicos: ANPUH-Brasil, Recife, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564516603_ARQUIVO_ANPUH2019_ST_Completo_WilmaAlvares.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 51-68. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/bloch-m-apologia-da-histe3b3ria.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Edição original em inglês: *What is Cultural History?*, 2004)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2026.
- FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- KRUPINISKI, Ricardo. A importância do ensino de história para as séries iniciais. 4º Congresso de Educação, 3º Seminário de Letras, 3º Simpósio de Psicologia do Esporte, 2º Diálogo em Psicologia, Educação, Diversidade e Inclusão. **Anais eletrônicos**: Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, 2024. Disponível em: https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2017/A_IMPORTANCIA_DO_ENSINO_DE_HISTORIA_PARA_AS_SERIES_INICIAIS.pd. Acesso em: 20 mar. 2026.
- MALAGUZZI, Loris. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NOVAES, Sabrina Maria da Silva. LIMA, Rebeca Oliveira da Silva. **História é o espelho que reflete a memória: a alfabetização na escola Getúlio Vargas no município de Guanambi-BA na década de 1970**. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Guanambi-BA, 2025.
- NUNES, Antonietta D'Aguiar; MATOS, Maria Teresa Navarro de Britto; CABRAL, Ilma da Silva. Os arquivos e a memória da educação na Bahia: recordando localmente para conhecer globalmente. **VI Encontro Nacional de Ciência da Informação**. Salvador, 2005. Anais eletrônicos: Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em: https://cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/AntoniettaMariaIlma.pdf. Acesso em: 23 mar. 2026.

PIRES, Marjorie Maria. Novas perspectivas acerca do ensino de História e a ressignificação de práticas docentes. **XII Encontro Estadual de História. História e mídias: narrativas em disputas**. Evento Online. Pernambuco, 2020. Anais eletrônicos: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2020. Disponível em:

https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1600781821_ARQUIVO_2fdecf4ba136b4129da0519f4cc72cdc.pdf. Acesso em: 21 mar. 2025.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.) **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005. Disponível em:

<https://www.cme.fe.usp.br/downloads/culturaepraticasescolares.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2026.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de História